



O Fluir de Ideias Através de um Rabisco: Ciência, Epistemologia, “A Origem”, dentre outros...¹

Ana Beatriz Nunes da Silva²

Universidade Federal do Piauí - Campus Ministro Reis Velloso

RESUMO

O presente trabalho tem como foco expor pensamentos e associações sobre o real e o abstrato, sobre epistemologia da comunicação, ciência e conhecimento, de forma semi-estruturada, uma vez que quando as idéias vão para o papel precisam ser delimitadas, criando assim um início e um fim. Também se faz mister esclarecer que de maneira não ilustrativa, mas sim reflexiva sobre o conteúdo apresentado nesse trabalho, foi feita uma análise do filme *A Origem (Conception)*, em determinadas situações, fazendo a junção entre real e abstrato.

PALAVRAS-CHAVE: epistemologia da comunicação; ciência; conhecimento.

DO INÍCIO A “A ORIGEM”...

Antes de iniciar qualquer texto, é preciso explicar que esse trabalho não busca esclarecer, ou difundir, muito menos ensinar algo, mas sim expor pensamentos e associações sobre o real e o abstrato, que se dará de forma semi-estruturada, uma vez que quando as idéias vão para o papel precisam ser delimitadas, criando assim um início e um fim. Também se faz mister esclarecer que de forma não ilustrativa, mas sim reflexiva sobre o conteúdo apresentado, será utilizado o filme *A Origem (Conception)*, em determinadas situações.

É também interessante mencionar que a inserção do filme veio bem depois do início desse trabalho, o que me fez pensar em como construir e reconstruir agrega valor ao todo.

Assim re-começa-se esse trabalho como um rabisco, não um rabisco no sentido de algo obsoleto ou rascunho ou inacabado, mas sim, no sentido de estar sempre em construção. A partir da apresentação de alguns conceitos, idéias, estímulos epistemológicos basilares, uma mente antes ingênua (no sentido de quase que total desconhecimento sobre o estudado) passa a ver o mundo por outros olhos, através do “olhar sobre o olhar que olha” (MORIN, 1993, p.84).

O ser humano é um ser social, Aristóteles afirma que “o homem, muito mais que a abelha ou outro animal gregário, é um animal social” (1988, p. 15), e junto com a

¹ Trabalho apresentado no GP de Teorias da Comunicação, XI Encontro dos Grupos de Pesquisa da Intercom.

² Doutoranda do curso de Comunicação da UNISINOS, e-mail: beatriz.ana@gmail.com.



sociabilidade está a arte de se relacionar, de se comunicar. Desde os primórdios o ser humano entra em contato com seus semelhantes em busca de sociabilidade, de sobrevivência, de troca de experiências, de comunicação. O homem que não se comunica é um homem incompleto. A comunicação se dá de diversas formas e sobre diversos aspectos, situações e sentidos. Um deles é através da leitura. A leitura traz ao ser humano informações, diversão, dúvidas, questionamentos nunca antes pensados ou vistos. Leitura não apenas de textos, mas também a leitura do mundo. De acordo com Freire “[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (2008, p.20).

Dentro da perspectiva de orientar e agregar valor à ‘leitura mundo’ aparece, dentre muitas, outra maneira em que a comunicação re-cria conhecimento na mente do ser humano, a sala de aula. Em um espaço físico pré-estabelecido, a sala de aula, encontra-se: o professor, alguns alunos, um ambiente lúdico, mágico, quase teatral, onde permeia o saber, um sistema aberto buscando sentido no que talvez não o tenha. Assim nasce esse trabalho, a partir de algumas aulas sobre epistemologia da comunicação, ministrada pelo professor Efendy Maldonado. Em sala, assuntos vários, relacionados ao tema são abordados de forma intensa, participativa, instigante. Alguns desses assuntos serão abordados aqui de uma forma bem particular, a começar pelo conceito basilar de epistemologia.

A epistemologia, conforme Silveira Bueno é o “estudo do grau de certeza do conhecimento científico em seus diversos ramos” (1989, p. 252). De acordo com Japiassú e Marcondes epistemologia é

Disciplina que toma as ciências como objeto de investigação tentando reagrupar: a) a crítica do conhecimento científico (exame dos princípios, das hipóteses e das conclusões das diferentes ciências, tendo em vista determinar seu alcance e seu valor objetivo); b) a filosofia das ciências (empirismo, racionalismo etc.); c) a história das ciências. O simples fato de hesitarmos, hoje entre duas denominações (epistemologia e filosofia das ciências) já é sintomático. Segundo os países e os usos, o conceito de "epistemologia" serve para designar, seja uma teoria geral do conhecimento (de natureza filosófica), seja estudos mais restritos concernentes à gênese e à estruturação das ciências. No pensamento anglo-saxão, epistemologia é sinônimo de teoria do conhecimento (ou gnoseologia), sendo mais conhecida pelo nome de *philosophy of science*. É neste sentido que se fala de epistemologia a propósito dos trabalhos de Piaget versando sobre os processos de aquisição dos conhecimentos na criança. O fato é que um tratado de epistemologia pode receber títulos tão diversos como: "A lógica da pesquisa científica". "Os fundamentos da física", "Ciência e sociedade", "Teoria do conhecimento científico". "Metodologia científica", "Ciência da ciência", "Sociologia das ciências" etc. Por



essa simples enumeração, podemos ver que a epistemologia é uma disciplina proteiforme que, segundo as necessidades, se faz "lógica", "filosofia do conhecimento", "sociologia", "psicologia", "história" etc. Seu problema central é que define seu estatuto geral. Consiste em estabelecer se o conhecimento poderá ser reduzido a um puro registro, pelo sujeito, dos dados já anteriormente organizados independentemente dele no mundo exterior, ou se o sujeito poderá intervir ativamente no conhecimento dos objetos. Em outras palavras, ela se interessa pelo problema do crescimento dos conhecimentos científicos. Por isso, podemos defini-la como a disciplina que toma por objeto não mais a ciência verdadeira de que deveríamos estabelecer as condições de possibilidade ou os títulos de legitimidade, mas as ciências em via de se fazerem, em seu processo de gênese, de formação e de estruturação progressiva. (2006, p. 67).

Para alguns pode ser apenas algo abstrato, irreal; no entanto, para outros, a epistemologia passa a ser a base, o chão, o real, o sustentáculo de um arcabouço teórico a ser construído- desconstruído- reconstruído enquanto a mente assim funcionar.

A epistemologia, teoria do conhecimento, vai muito além da abstração, ela é real. E é com base nessa idéia que Norris (2006) traz à tona a questão da epistemologia como algo concreto, útil, como algo imprescindível para a vida cotidiana; não está só no nível meta-teórico, e sim é algo que atravessa vários níveis.

Se pensarmos a epistemologia no campo da pesquisa, ela está tanto atravessando as linhas da ciência, em sua complexidade, como também está atravessando algo muito simples, está também na dimensão técnica, metodológica, das táticas, das estratégias; a epistemologia fundando, re-configurando, a epistemologia viva.

Quando se fala em epistemologia, é interessante introduzir rapidamente uma base sobre o que é ciência.

A ciência é instável porque ela está lidando com processos dinâmicos, complexos; é inconstante, é incompleta, a ciência se faz se refaz. Para se construir ciência, de acordo com Santos (1989), é necessário que se abdique do senso comum, do conhecimento puramente empírico, pois em ciência nada é dado, tudo se constrói. Para que se construa então ciência dispõe-se de três atos epistemológicos: ruptura, construção e constatação. Tais atos epistemológicos, no entanto, não são de simples aplicação nas ciências sociais, uma vez que o objeto de estudo são pessoas, que pensam, agem e utilizam-se da mesma ferramenta lingüística que a ciência; também porque a desvinculação dos conhecimentos sociológicos empíricos dos cientistas sociais sobre o universo social ao qual estão inseridos exige um esforço muito maior.



Os conhecimentos não científicos confundem-se com os conhecimentos científicos, causando assim um obstáculo epistemológico. Logo, se faz necessário que haja uma ruptura entre o senso comum e a ciência para, a partir de então, se poder obter o conhecimento dito científico. Tal ruptura é imprescindível para que se consiga ultrapassar este obstáculo. No entanto, é importante salientar que nesta ruptura o sujeito não está inserido no objeto de estudo.

Esta ruptura separa, então, a ciência do senso comum, purificando-a assim das influências empíricas, pois parte-se do pressuposto que, segundo Boaventura, “a ciência constrói-se, pois, contra o senso comum” (SANTOS, 1989, p. 31). Salienta-se que, nesta etapa, o senso comum não é modificado, é apenas separado da ciência. Essa atitude da ciência vai romper com o senso comum e então, entra em crise e surge a segunda ruptura: o reencontro.

Separação efetuada segue-se a união da ciência ao senso comum, fazendo com que a ciência influencie o senso comum. Ocorre com isso a dupla ruptura epistemológica. Agora, o sujeito faz parte da reflexão do objeto. Assim, a partir de Santos (1989), existiria uma real necessidade dessa dupla ruptura epistemológica para a compreensão da epistemologia da ciência como ciência e não, da ciência como derivação do senso comum.

Nesta perspectiva o conhecimento do conhecimento deixa de ser algo distante e passa a compartilhar conosco a vida, o mundo real, deixa de ser apenas do mundo das idéias e passa a permear também o mundo da concretude, a realidade, o não abstrato, o real.

No entanto, conforme Morin (1986), a percepção da realidade depende do estado psíquico em que nos encontramos. Assim, não apenas a minha percepção, mas também a percepção de todo e qualquer pesquisador, depende do estado de espírito no qual se encontram. De acordo com Morin, pode-se

desde já admitir que os desejos, medos, fantasmas se infiltram nas idéias que julgamos mais puras; que arquétipos profundos moldam sem nós sabermos as nossas visões de mundo; que as experiências primordiais da primeira infância contaminam profundamente a relação de cada qual com o conhecimento (1986, p. 122).

Visto deste prisma, a realidade conecta a razão com a emoção, influenciando na construção do conhecimento.

O conhecimento é estruturado a partir de construções de teorias que auxiliam no embasar de novos conhecimentos. O trabalhar a teoria deve ser pensado a partir de um

diálogo que comporte várias teorias; de acordo com Popper (1975), um diálogo crítico, um confronto teórico para então descobrir elementos de outras dimensões, criando assim uma inter-relação entre teorias, construindo e desconstruindo o conhecimento. Popper discorre que o conhecimento essencial é objetivo, que abre espaço para crítica e não está aprisionado na mente dos cientistas. A partir de seu pluralismo filosófico, Popper defende a tese dos três mundos, na qual se tem, no primeiro mundo, os objetos físicos, o chamado mundo realista; nesse mundo a existência de estados materiais independe do pensamento. No segundo mundo, encontram-se a consciência, as experiências psicológicas do sujeito; Popper não situa a ciência aqui, este seria um mundo de transição, uma dimensão mediadora do conhecimento, entre o que é estudado e o mundo “real”. E o terceiro mundo, o mundo epistemológico, o mundo do objeto de pensamento, seria um mundo voltado para o pensamento, teorias, lógicas. Um mundo autônomo, um espaço de originalidade e criatividade, um espaço de inúmeros problemas.

No entanto, é interessante enxergar a lógica popperiana dos três mundos, mas com algumas ressalvas; é possível idealizar tal ‘universo’, de forma adaptada, mas em que o terceiro mundo permeie os outros dois, fazendo com que a construção do conhecimento não se torne algo distante ou fixo, e sim algo que perpassasse os demais mundos. Em uma analogia simples, o terceiro mundo seria a *ágora* de Arendt,

praça onde ocorrerão os debates contraditórios, a discussão e a argumentação. Como consequência, os conhecimentos e os valores não são mais conservados, como garantia de poder, no recesso de tradições familiares; ao contrário, são agora levados à praça pública sujeitos à crítica e à controvérsia. (VERNANT, 1990, p. 83).

Seria um espaço que cria a interseção entre o mundo das idéias e o mundo real, para a construção do conhecimento, para adicionar, para fazer o todo maior que a soma das partes.

Na concepção de Morin (1996), o conhecimento vai além da soma das partes, o conhecimento é complexo. Mas o que será complexo em se tratando de conhecimento? Silveira Bueno, em seu dicionário, define complexidade como intrincamento, emaranhado. Podemos ir além e definir complexidade como o estudo do todo para entender as partes e a análise das partes para entender o todo; a partir do princípio hologramático de Morin, a complexidade não pode ser separada. A separação existe apenas para auxiliar na compreensão do conhecimento, para um melhor entendimento do mesmo. É importante ressaltar que, para Morin, a soma das partes pode ser mais ou



menos que o todo. A soma das partes será mais que o todo quando, a partir dessa soma, surgir qualidades antes inexistentes nessa organização, exprimindo assim suas potencialidades não expressas anteriormente. O todo será menos quando a soma das partes inibir, através de coação, as potencialidades existentes em cada parte.

Assim a complexidade é complexa. Ela é formada por diversas complexidades como a complicação, a desordem, a contradição, a dificuldade lógica, os problemas da organização, entre outras, que se “entrelaçam” para formar um único “tecido”. “Nesse ponto chegamos ao complexus do complexus, a essa espécie de núcleo da complexidade onde as complexidades se encontram” (MORIN, 1996, p. 188).

Nessa complexidade encontra-se o conhecimento e as ciências, dentre elas as ciências sociais. As ciências sociais têm um grande envolvimento com a crítica do conhecimento, um movimento reflexivo e auto-reflexivo que é preciso cultivar. Há assim, dentro das ciências sociais, a necessidade de cultivar tal crítica, e os agentes que cultivam tal movimento são os agentes humanos. Para Norris (2006), fez-se necessária a ação dos agentes humanos, tanto nas ciências sociais como naturais, e essa ação é uma ação crucial, essa interação é fundamental para esses processos, não se pode abstrair essa ação; por outro lado, o tipo de pesquisador que está produzindo esse conhecimento deixa marca em seus talentos. A ciência exige que essa participação do sujeito no processo de produção do conhecimento seja explicitada, seja definida. O sujeito produtor, pesquisador, precisa ser definido dentro do processo, Morin diz que “as teorias científicas não são o reflexo do real, mas as projeções do homem sobre esse real” (1993, p.84). O sujeito constrói a ciência, a ciência é o olhar de quem a constrói. O sujeito produtor deixa marcas de sua existência no que constrói. Marcas que se fixam na ciência. Ciência, um produto humano, um produto social, não abstrato.

As construções intelectuais e científicas são submetidas a condições cognitivas e epistêmicas, a verdade é plural, são verdades limitadas, dinâmicas, que constituem essa estrutura e reformulam e permitem uma autonomia objetiva.

A pesquisa científica, além dos paradigmas, vai permitir as transformações desses modelos, transformações também das concepções.

Nessa reformulação, nesse refazer é que ocorrem as rupturas epistemológicas, rupturas que fazem surgir uma nova descoberta. Kuhn aborta tais rupturas a partir das crises dos paradigmas. Alberto Oliva aborda, em seu texto, o interesse de Kuhn em entender e explicar a história do conhecimento científico. Como Oliva mesmo escreve:



“o interesse maior da reflexão kuhniana é explicar as grandes transformações por que têm passado o conhecimento científico” (Oliva *in* Portocarrero, 1994, p. 70).

Kuhn (1987) trata da situação da ciência e de como ela é estruturada. Da idéia de paradigma não só como realização, mas também quando se tem modelos constituídos e de reconhecimento. Sobre o tempo, Kuhn afirma que, durante algum tempo, esses paradigmas fornecem problemas modelares a uma comunidade científica. Existe uma fecundidade potencial, que não fica restrita apenas ao terceiro mundo de Popper, essa fecundidade tem a ver também com novas espécies de pesquisa. O paradigma gera a sua possibilidade de desconstrução, é fecundo também historicamente e sociologicamente. Nos paradigmas, Kuhn vai tratar das anomalias ou violações de expectativas, as crises dos paradigmas, que são pontos de interesses, atraem a atenção das comunidades de pesquisa, pois geram contra-pensamentos que reformulam o paradigma.

O trabalho de Thomas Kuhn foi embasado na obtenção do consenso na ciência normal, que se dá através da utilização da argumentação. Kuhn defende que a ciência se constrói não só por pura ‘episteme’, mas também por ‘erística’. Conforme Oliva “a ciência, em Kuhn, não pode ser entendida como pura ‘episteme’, já que constitui uma atividade também envolvida com a ‘erística’, isto é, como desenvolvimento de técnicas de convencimento em situações de controvérsia” (OLIVA, 1994, p. 72). É necessário convencer através do argumento para derrubar outro paradigma, pois ambos têm lógica e empirismo. Pois, partindo da visão kuhniana, é a argumentação que dará sustentabilidade para a aceitação de um novo paradigma ou a conservação do paradigma em vigor.

Para a aceitação de um paradigma, é necessária argumentação e, para evolução da ciência se faz mister uma crise, conforme a visão kuhniana. Thomas Kuhn o demonstra ao abordar a evolução da ciência a partir da crise do paradigma dominante. E tal crise surge da persistência da anomalia ao enquadramento no paradigma, gerando então, uma revolução. Pode haver, assim, o nascimento de uma nova ciência normal, embasada na epistemologia, formada a partir da anomalia. Assim podemos dizer, de acordo com Kuhn, que a crítica na ciência só é aceita quando existe a crise.

Desde o início do séc. XIX vamos ter uma proliferação dos manuais, esses modelos vão gerar o que Kuhn chama de paradigma da ciência normal. Analisando as ciências sociais à luz de Kuhn, podemos concluir que estas não são ciências normais? Sob tal questionamento pensamos, com base em Kuhn, não ser possível a normalização das ciências sociais por não enxergarmos ainda para as mesmas leis universais, uma vez



que não é possível, até o presente momento, standardizar o sujeito/ objeto base das ciências sociais – o comportamento humano.

A ciência precisa de interpretação, e nessa interpretação, é importante a utilização de teorias ligadas a metodologias para trabalhar a seleção, a avaliação e a crítica dos componentes e conhecimentos.

Os cientistas nem sempre produzem ciência. Exceto na astronomia e na matemática, os paradigmas se apresentam como instáveis; logo, a ciência é instável, ela precisa ser instável. E é essa instabilidade que garante a continuidade da ciência, a construção do conhecimento. O conhecimento e seus sentidos.

Deleuze (1974) traz à tona, em sua obra “A lógica do sentido”, uma série de paradoxos que tratam da teoria do sentido que, de acordo com o autor “é uma entidade não existente, ele tem mesmo com o não-senso relações muito particulares”.

O sentido por si só inexistente, em virtude de não existir fora de uma proposição, o acontecimento é o próprio sentido. O sentido sem proposição, inexistente, é como o vagar com algo no limbo, algo flutuando, sem sentido. Mas o sentido atrelado a uma proposição passa a existir, o sentido agora tem sentido, mas seu sentido só pode ser explicado por outro sentido, e assim sucessivamente tendendo ao infinito, uma cadeia sem fim para explicar o sentido do sentido, que gerará outro sentido e precisará ser explicado e terá novamente um novo sentido. Assim Deleuze explica “nunca digo o sentido daquilo que digo. Mas, em compensação, posso sempre tomar o sentido do que digo como objeto de outra proposição, da qual, por sua vez, não digo o sentido” (1974, p.31), parte-se então, a partir do paradoxo da regressão para se trabalhar o sentido. É a necessidade de se conhecer o sentido das coisas, e o sentido do sentido das coisas, que move a busca infinita do sentido do sentido, e contribui para um processo contínuo de busca do conhecimento. O conhecimento e seu sentido são infinitos. Aqui se chega ao filme “A Origem”.

A Origem ou *Inception* – título original do filme - traz a ficção para as telas do cinema. Cobb (protagonista da história) é um especialista em invadir mentes e roubar informações das pessoas, através da indução da vítima ao sono por meio de sedativos, hora em que o subconsciente está bem vulnerável. As habilidades únicas de Cobb fazem com que seja muito procurado no mundo da espionagem. No entanto, a morte de sua esposa e uma missão não bem sucedida o faz virar um fugitivo. Eis que surge uma chance de deixar de ser um fugitivo e voltar a conviver com os filhos; no entanto, a proposta de trabalho é um pouco mais desafiadora: ao invés de um furto de

informações, a solicitação é que o mesmo insira uma informação na mente de um grande empresário, sem que o mesmo perceba tal inserção. A trama se complica no momento em que, a ‘lembrança’ de sua esposa o persegue dentro desses sonhos.

Após assistir essa instigante ficção hollywoodiana minha mente, quase que involuntariamente, começou a identificar alguns elementos filosóficos que permeiam o sentido das ações do filme. Mais uma vez comprovei a afirmativa de Morin que diz que o pesquisador é influenciado pelo seu sentimento. Assim, não obedecendo à sequência dos acontecimentos do filme, comecei a escrever e correlacionar teorias e cenas numeradas, que expressei a seguir.

A primeira correlação feita por mim em pleno filme foi a interferência que nosso estado psíquico traz para a nossa percepção. Tal correlação é exposta no filme no momento em que a memória de sua esposa morta (Mal) permeia e influencia as ações e percepções de Cobb. A presença de Mal e sua interação com Cobb no mundo dos sonhos interfere tanto nas suas ações como na percepção do mesmo do que é ou não real. Conforme afirmado por Morin “[...] nossas interpretações da realidade não são independentes dos nossos estados psíquicos profundos [...]” (1986, p. 121).

Em outro momento do filme, Cobb explica a Ariadne (estudante de arquitetura contratada para projetar o mundo dos sonhos para a inserção) a relação entre o criador, pesquisador e o sujeito, a ser pesquisado que habita o recorte dado pelo criador, bem como diz como obter informações do sujeito. Conforme a fala de Cobb para Ariadne:

Você é a sonhadora, construiu esse mundo. Eu sou o sujeito, a minha mente o habita. Você pode literalmente falar com meu subconsciente. Essa é uma das formas que usamos para extrair informações. [...] Criando algo seguro, como um cofre, um local que o subconsciente automaticamente preenche com informações que a mente quer proteger (A ORIGEM, 2010).

Aqui é o recorte do pesquisador que dá forma ao mundo, mas quanto ao sujeito (no caso o sujeito é o pesquisado), esse pesquisador não tem controle sobre ele, o sujeito habita o mundo mas não é dominado pelo seu construtor (o pesquisador que deu o recorte e a partir da delimitação passa a criar o seu universo de pesquisa). O sujeito existe, pode ser pesquisado, mas não dominado. Como essa pesquisa se dará? Dependerá do que está sendo pesquisado e das habilidades do pesquisador.

Em determinado momento o personagem principal, Cobb, se questiona sobre o que é realidade, o real e o abstrato se confundem em seu trabalho, a invasão de sonhos, a construção de mundos imaginários traz à tona, em minha mente a tese dos três mundos

de Popper, é como trabalhar no terceiro mundo e fazê-lo interagir com os demais mundos, através de acordar e do sonhar, mas de uma forma sutil o suficiente a ponto de perdermos o sentido do real; mesmo sabendo que a ausência de sentido em um contexto já é uma forma de ter sentido.

Ainda sobre Popper, na cena em que Cobb leva Ariadne ao mundo dos sonhos dela ele explana sobre a vantagem desse acesso para a estudante de arquitetura: “É a chance de construir catedrais e cidades inteiras que nunca existiram e que nunca poderão existir no mundo real” (fala de Cobb). Um mundo em que a criação, a criatividade e a originalidade têm lugar, um mundo entre o real e a mente, o que podemos relacionar ao terceiro mundo de Popper.

Assim, em um esquema simplificado, dentro da ‘realidade’ do filme, podemos representar graficamente, através da figura 1, uma correlação entre os três mundos de Popper e os ‘mundos’ do filme, o momento da inserção.

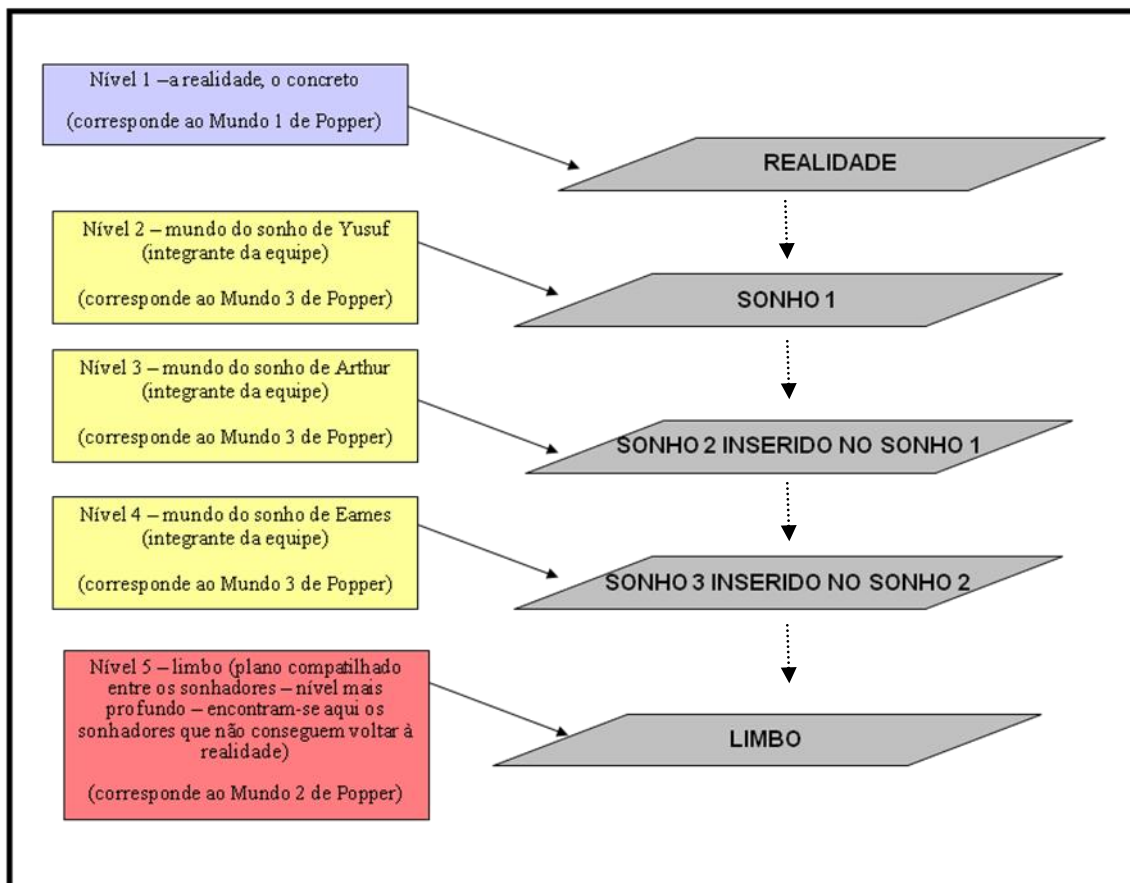


Figura 1: esquema comparativo entre os mundos no momento da inserção e os mundos de Popper.
Fonte: elaborada pela autora.

Sobre a figura 1, é possível enxergar, em virtude da ligação que os níveis têm, os mundos interligados. O mundo real, os três níveis de sonho e o limbo conectados trazem à tona o modelo de rizoma de Deleuze. O conhecimento é único e está interligado a todas as suas frações de conhecimento de maneira rizomática, mantendo sempre o conhecimento do mundo em harmonia e conexão.

Ainda observando a figura 1, é importante salientar que não é possível ter relações de territorialização e desterritorialização, uma vez que os níveis estão hierarquicamente interligados.

Em outro momento um dos integrantes da equipe de Cobb, Arthur, conversa com Ariadne sobre criação da arquitetura do mundo dos sonhos, montando a partir de um labirinto. Dentre as artimanhas desse tipo de criação, Arthur apresenta a Ariadne a escada paradoxo. Arthur explica a Ariadne que é possível criar em um sonho formas impossíveis, o que possibilita a criação de círculos fechados; como exemplo, ele a leva ao mundo do seu sonho (assim ele pode ser o arquiteto desse mundo) para falar do que ele denomina de escada infinita – uma escada que, sem se perceber em um primeiro momento, anda-se em círculos e volta-se ao mesmo lugar – e Arthur conclui: “paradoxo”. Nessa cena, o conhecimento de Ariadne sobre arquitetura, os paradigmas dela dentro dessa área, são rompidos com o paradoxo da escada infinita. Aqui se tem então o início de uma crise de paradigma (conforme a ideia de Kuhn), originado por esse paradoxo, que gerará para Ariadne um novo paradigma em que a escada infinita, no mundo dos sonhos, passa a ser possível. De acordo com Deleuze “de tal forma que a potência do paradoxo não consiste absolutamente em seguir a outra direção, mas em mostrar que o sentido toma sempre os dois sentidos ao mesmo tempo, as duas direções ao mesmo tempo” (1974, p. 77). Vale ressaltar que no universo imaginário do filme, dentro do mundo dos sonhos a escada infinita é real.

Também é interessante ressaltar a noção do devir, de Deleuze (1974) e a propriedade de furto o presente, que ocorre no filme. O devir pode ser observado no momento em que os personagens se encontram no mundo dos sonhos, onde o presente, o agora, inexistente, uma vez que o tempo passa lentamente com relação ao mundo real. Assim, dentro do mundo dos sonhos inexistente o agora, pois o agora ou ainda está por vir a ser ou já ocorreu. Só se terá o presente fora do mundo dos sonhos, no mundo real.

Assim, dentre várias perspectivas, numa analogia ao conhecimento, termino esse rabisco utilizando uma das falas do personagem principal. O conhecimento é como a definição de ideia expressada por Cobb, “é como um vírus, resistente. Altamente



contagioso. A semente de uma idéia pode crescer para definir ou destruir você”. Nesse caso, definição no sentido de paradigmas e destruição no sentido de quebra de seus paradigmas, uma crise, que gerará um novo paradigma; e assim começará tudo outra vez.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Política**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1988.

DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2008.

JAPIASSÚ, Hilton; Marcondes, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006

KUHN, Thomas. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1996.

_____. **Contrabandista dos saberes**. In: PESSIS-PASTERNAK, Guita. **Do caos à inteligência artificial**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

_____. **O método, vol. 3, O conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Europa- América, 1986.

NOLAN, Christopher. **A Origem**. [Filme]. Produção de Wanner Bross, direção de Christopher Nolan. EUA. 2010. 148 minutos.

NORRIS, Christopher. **Epistemologia, conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVA, Alberto. **Kuhn: o normal e o revolucionário na reprodução da racionalidade científica**. In: PORTOCARRERO, Vera. (Org). *Filosofia, história e sociologia das ciências*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 67-102.

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

SANTOS, Boaventura de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p. 11-45.



SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Editora Lisa S/A, 1989.

VERNANT, J.P. **Mito e Pensamento entre os Gregos**. In: HÜHNE, Leda Miranda (Org.). Metodologia Científica – Caderno de Textos e Técnicas. 4ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1990.